A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

PREÇO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

AGENTES EM TODA A PROVINCIA COLONIAS E BRAZIL

Visão terrivel da morte da actriz Maria Alves!

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 4 DE ABRIL DE 1926 — N.º 64

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

O Tempo e o bolchevismo

Dia a dia vamos constatando que a revolução dos principios está em todas as coisas.

Dantes Fevereiro costumava ser um mez de inverno, obrigado a chuva, frio, vento e demais atributos de uma estação essencialmente fria.

Egualmente Março, era o mez do «larga-sobretudos» do «deixa-chapeu de chuva» e «fato-meia-estação».

Pois agora está tudo ao contrario! Fevereiro passado fez despir alguns coletes e por uma migalhinha não decreta o chapéu de palha, e Março findo obrigou a galochas, capa de borracha e gola levantada!

Estamos em crêr que, com esta mudança de estação, mais dia menos dias ha um descarrilamento no Zodiaco e teremos que lamentar bastantes desastres pessoaes...

Uma capital da Europa

Aqui ha dias, um jornal noticiou que a Companhia Carris ir pôr carros electricos toda a noite, isto é, depois da uma, de hora em hora, haveria cem carros para todas as linhas.

A população que só de ouvido conhece as comodidades das cidades, exultou, bebeu um calix de vinho do Porto ao jantar e chegou a pensar em nomear uma comissão de festejos para solenisar o acontecimento!

Mas, dias depois, a Carris apressava-se a desmentir a atoarda e a garantir que semelhante tenção era absolutamente destituida de fundamento verdadeiro.

E aqui para nós, fez ela muito bem!

Era o que faltava, a população ter carros para ir para casa!

Se fosse um novo aumento de preço de bilhete ou o encurtamento de zona, estaria bem, mas uma comodidade para a população? Era o que faltava! Isso é bom para as cidades onde os habitantes repontam quando qualquer entidade não lhes dá o que as alcavalas, licenças, contribuições e taxas justificam!

Em Lisboa? Era o que faltava! os lisboetas sempre são muito idiotas em terem acreditado semelhante coisa!

Um grande exemplo

O sindicato dos Profissionaes de Imprensa de Lisboa é hoje, no meio da trapalhada infernal da nossa vida, um organismo moço, vivo, culto, e apetrechado para competir perfeitamente no grande concurso das actividades modernas.

Porquê? Porque correu a tempo com as velharias sediças e paradas, porque se entregou aos novos de merito comprovado, porque poz energias e faculdades de trabalho e de realisação á frente dos seus destinos.

A' Imprensa Portugueza está reservado um papel formidavel. Se até aqui tem ela feito muito —resta que continue a sua obra de renovação.

¡EXTRANHO!

—O sr. Juiz está em casa?
—Não senhor, partiu para o Porto.
—Tem graça—é a primeira vez que sei dum homem que é ao mesmo tempo juiz... e parte.

"VEGETALIZEM-SE..."

Nesta aldeia tão fresca e tão formosa
que se aninhou nas margens do Pavia
e onde se escuta muita voz saudosa
no brando farfalhar da ramaria,

sobre os troncos de olaias inda em flor,
ou sob a cópa tremula dos freixos,
a alma sente em si propria um grande ardor
de ver o mundo entrar emfim nos eixos.

Pois então, pontualmente, em cada anno,
cada tronco renova e se acrescenta,
e só, por toda a terra, o bicho humano
cresta os renôvos da alma somnolenta?...

Pois então cada palmo de videira
já vae juntando as seivas que outro bebe.
e o Grã-Senhor da natureza inteira
só dá coices por troco ao que recebe?

Não pode ser. Não hade ser.—Não basta
o accaso de nascer mulher, ou homem.
Quando o viver longe do ideal se arrasta
ha logo mil miserias que o consomem.

O remedio melhor?—Não é decerto
o esteril batalhar que nos encanta.
E' muito mais barato, e está mais perto.
E' só tomar... o exemplo de uma planta.

Cada um pode copiar um vegetal.
E ha casos de bem facil tirocinio...
Chamamos «alho» a muito racional
que tem plantas de pés no raciocinio!

Este, copiará uma alfavaca
p'ra continuar a ser o que já foi;
e ao menos, já que a carne é sempre fraca
nós veremos florir o pé de boi.

Aquelle, imitará uma batata
por ser o vegetal que lhe condiz,
pois sendo á superficie um patarata
tem tuberculos varios, na raiz...

A Seara Nova, em vez de uma revista,
terá... varios hectares de bom chão;
e ainda hade haver muito quem assista
áquellas espiguinhas darem pão.

Cunha Leal hade ser um gira-sol
—flor que nunca temeu hervas damninhas...
semente de valor que está no rol
das que mais alimentam as gallinhas

O Sr. presidente do governo,
embora Silva, a um sobreiral se arrima;
pois mesmo dando a casca, é leve e terno,
condições para andar sempre ao de cima.

Os magnates do Gremio Luzitano,
preferirão contraminar por baixo;
assim se tornarão, se não me engano,
em colonias verdoengas de escalracho,

E certos funccionarios, sem funcção
que não seja trajarem bem catitas,
em heras collossaes se tornarão
ou outras quaesquer plantas parasitas.

Dest'arte os filhos da arca de Noé
reabrem o paraizo terreal
indo crear raizes par seu pé
—sem piada ao partido radical.

Digo essas coisas a brincar. «Dizeudo-as»
não cuido, a olhar a Patria:—«Deseurasco-a,
—Isto afinal são dezasseis amendoas
com que tentei solemnizar a Paschoa...

TAÇO

ECOS

Um divorcio

Querem um sintoma insofismavel do divorcio completo que existe entre a nossa camada politica dirigente e a vida social da nação?

Vejam que não é possivel manter em Portugal a imprensa politica. «O Mundo» morreu por ausencia de leitores, os jornaes partidarios republicanos são vagos almanaques de provincia, melhor ou peor feitos, e a grande imprensa presta á organisação social que nos rege a atenção do «fait-divers» ou quando muito, a propaganda amigavel das referencias pessoais.

Ora quando a Imprensa, que é a maior força de expansão da consciencia colectiva volta praticamente as costas á politica ou antes aos seus homens actuais—é porque a Nação á ha muito está com eles de relações cortadas.

Ainda um outro congresso...

Como estão em moda os congressos, mais ou menos demonstrativos das faculdades fisicas dos diversos agrupamentos politicos, chega-nos a noticia da iniciativa, por parte de alguns cidadãos, de mais um congresso: «Congresso de todas as pessoas que não querem saber da politica para nada».

Parece porem que se levanta um pequenissimo obice para levar por diante esta linda obra. E' que nem mesmo que se conseguisse arranjar uma sala do tamanho de meio Portugal, chegaria para meter lá dentro todos os congressistas...

A Humanidade avança—afirma-o, palitando-o os dentes, um dos tres cardeais que ceiam alexandrinos na celebre peça de Julio Dantas. Esta afirmação peremptoria dum principe da Igreja, com todo o aspecto rigido dum dogma, seria indiscutivel e, portanto, absolutamente aceitavel se todos nós vivessemos entre purpuras e pompas, no solene Vaticano, mastigando faisões com os lentos vagares dum rito e erguendo com unção o calix facetado, onde tremeluz, como ouro liquido, um perfumoso Gerez.

Não vão julgar que eu negue o avanço material da Humanidade e as vantagens inestimaveis da telefonia sem fios sobre o moço de recados ou mesmo a superioridade de conforto dos «maples» sobre as cadeiras curuis. O que eu nego—e com veemencia convicta—é que a Humanidade tenha avançado um passo sequer nesta coisa mesquinha do convivio social, na urbanidade do trato, nas boas maneiras, enfim.

E' claro que a um cardeal do seculo XVIII, tempo ditoso em que para se darem os bons dias os homens faziam tres reverencias e quatro salamaleques, este aspecto de grosseirismo o não podia impressionar e a impressão geral de avanço resultaria nitida e sem qualquer mancha a ensombra-la. Mas a nós, homens deste seculo de individualismo exacerbado, que assistimos á guerra mais brutal. estupida e scientifica de todos os tempos, a nós é que nos não pode deslumbrar o progresso material da Humanidade sem lamentarmos, pelo menos, o seu regresso rapido e vertiginoso ao grosseiro egoismo de outras eras mais recuadas, que quasi atingem a idade das cavernas.

* * *

Já numa destas cronicas referi a estupidez dum guarda-freio dos electricos, que uma vez me aconselhou a tomar um automovel em vez do carro que ele guiando, num assomo de indignação por eu ser um destes seres inferiores que, pagando á Companhia o seu lugar no electrico, contribuem para que a Companhia lhe pague o ordenado, a ele, guarda-freio e estupido.

Todos nós temos observado que certos criados de cafés e restaurantes nos servem com o aspecto mal humorado de quem está a fazer um favor por muito favor. O barbeiro já não pregunta «se a navalha incomoda» e se no entusiasmo da discussão com os colegas sobre o ultimo desafio de «foot-ball» nos dá um golpe, atira-nos para a cara com um pedregulho de alumen e sentencia com a certeza e a autoridade dum professor da Faculdade de Medicina: «Isto não é nada!»

Nas ruas o encontrão é livre e a pisadela um fôro que a má criação cobra sem passar o competente recibo de desculpas. Por mim, quando acontece um sujeito abalroar-me ou pisar-me e o vejo levar dois dedos á aba do chapeu, sinto um enternecimento tão grande que me dá vontade de abraça-lo como ao derradeiro representante da falecida urbanidade.

Ainda ha dias me aconteceu entrar numa loja da Baixa, destas que vendem artigos de viagem, para adquirir um «soutien-gorge» para a minha cadelinha, que é, seja dito de passagem, entre os animais das minhas relações um dos de mais primorosa educação. O lojista, não sei se por efeito do titulo da casa, era uma creatura de trato hirsuto e desagradavel, que foi buscar de mau modo os aparelhos pedidos, pondo tres sobre o balcão, com o ar de quem tem mais que fazer, apezar de eu ser o unico freguez presente. Como eu pedisse explicações, o homem arrebatou os objectos com uma tão declarada violencia que eu recuei um passo disposto a responder a qualquer agressão. Fiquei interdito e pasmado com a indelicadeza do comerciante, que, pelo visto, é daqueles que entendem que uma pessoa tem obrigação de comprar, pagar, agradecer e pedir desculpa do incomodo. Escusado será dizer que esta loja ficou sendo para mim uma especie de casa de parteira, porque lhe fiz uma cruz á porta.

* * *

Neste ponto, a Humanidade não avança, retrograda. E senão veja se, como sintoma decisivo, que o «Mundo» era Urbano, embora Rodrigues e que foi um Trilho, que é sinonimo de pisadela, que lhe fez suspender as rotações e as rotativas.

LUBRIFICAÇÃO

—Oh! Malandro! Quando deixarás tu de guinchar?
—O «chauffeur»:—Deite-lhe uma pinga de oleo, para amaciar..!

HUMORISMO

Crónica alegre

AS COUSAS PRETAS

CONHECI um senhor que tinha herdado dos seus maiores largas e fartas propriedades na provincia. Simplesmente, o senhor não entendia nada de as administrar. Tratou, portanto, de procurar quem percebesse dessa regedoria. Sucedeu, porém, que os variadissimos administradores escolhidos não conseguiam sair-se a bem do encargo remunerado que tinham aceitado. As propriedades, não produzindo o centessimo que deviam produzir, enchiam de dôres de cabeça o proprietário, o qual anciava por passar em Lisboa vida repousada. Resumindo: ia tudo mal. Que fez o mesmo senhor? Vendeu as propriedades, ás quaes não faltavam pretendentes, e, posto o dinheiro obtido a render em bancos estrangeiros de toda a confiança, viveu tranquilo e fartamente dos seus rendimentos até á hora da sua morte. *Amen.*

V. Ex.as vêm em tudo isto alguma cousa de ilógico, de anormal? Eu não. Procedeu porventura mal o tal senhor meu conhecido? Não vejo em quê.

Pois agora imaginem que o supracitado proprietário se chama Portugal e as suas propriedades Angola e Moçambique. Supônham que o paiz, verificando que não ha forma de administrar em termos as colónias e tirar délas o rendimento necessario, que não ha meio de descobrir altos comissários que se avenham com aquêles dois pares de botas, deliberava vender a quem mais desse aquélas quintas africanas e, tendo pago as suas dividas com parte do preço obtido, passava a aplicar o restante em bemfeitorías do territorio metropolitano de modo a torná-lo habitavel por indigenas e passeantes. Calculem a indignação dos patriotinheiros e leitores assiduos dos *Lusiadas.* Quem os havia de aturar, santo Deus?!

Por isso deixemos correr as coisas como correm. Assistâmos, de seis em seis mêses, ao embarque dum funcionário-mór, certos de que não morreremos de saudades sem o tornar a ver. Um dia virá em que uma Sociedade das Nações ou um tratado de paz nos

perguntarão se tencionamos eternisar a nossa incompetencia e a nossa inercia. Nessa altura talvez nos arrependamos de não ter reflectido a tempo e de não ter procurado a valer a solução disso a que ouço chamar o «nosso problêma colonial».

ENTRE CAIXEIROS VIAJANTES

Quando deixei o ultimo hotel, o dono ficou com imensa pena que eu saisse.
—E é sempre assim?
—Conforme... Neste, por exemplo, não sucederá isso.
—...?
—E' que já me obrigou a pagar adiantado.

QUESTÕES DE MODÉSTIA

Ha cerca dum mez num dos espectaculos da companhia Velasco o snr. almirante Gago Coutinho estava tranquilamente sentado numa cadeira saboreando o desenrolar duma das *féeries* do reportório. A certa altura entrou em scena um dos artistas e, num tom comovido, anunciou que os aviadores espanhoes haviam chegado felizmente á capital argentina. Não tinha o homem proferido meia duzia de palavras, apenas se entendeu o que êle ali vinha fazer, podemos ver o almirante erguer-se á surrelfa e com a velocidade duma gazéla esgueirar-se pela coxia fóra. Com efeito, lá veiu a referencia á travessia portuguêsa do Atlantico, o povo poz-se de pé, soaram os himnos português e hespanhol, etc. Simplesmente, quando os entusiastas se voltaram para o lugar que ocupava o sr. Gago Coutinho, viram-no vazio.

Agora, sabendo que ia ser convidado para ir a Palos assistir á recepção de Franco e dos seus camaradas de aventura, o almirante aviador recusou amavel, grata e antecipadamente, esse convite.

Se não fosse crédor da nossa reverente admiração por tantos outros motivos, bastava a modéstia tão sincera do snr. Gago Coutinho para lhe abrir ilimitado credito na nossa simpatia e na nossa estima.

Extranho simplesmente uma cousa. Ha no Porto um grémio de rapazes, intitulado *O grupo dos Modestos.* Interessa-se muito por cousas teatraes e não tem havido em Lisboa consagração, banquête ou enterro de figura grada do teátro que não surja, na altura dos discursos, um representante do citado grupo a falar ou a ler pelos cotovêlos. Porque será que esse *Grupo dos Modestos* não elegeu ainda seu presidente de honra o companheiro ilustre—e tão modesto—de Sacadura Cabral? Daí—quem sabe lá—talvez êle fosse muito capaz de nem sequer aceitar essa presidencia.

NAUFRÁGIO

Não sei se VV. Ex.as já fizeram naufrágio alguma vez. Pelo menos, já têm assistido no cinêma a esse género de catástrofe. E' uma cousa horrivel. Os que não sabem nadar vão logo para o fundo e são devorados pelos tubarões, jacarés e outros peixes carnivoros de somênos importancia. Os que sabem nadar sofrem inclemencias a quererem salvar um velho pae, uma noiva adorada, um companheiro de infancia ou uma tia extremosa. Se conseguem deitar a mão a uma canôa ou a uma táboa velha, passam dias e noites sem conto pairando sobre a imensidade dos Oceanos até que surja no horisonte uma véla branca salvadôra. Um horror! E que humidade!

No ultimo naufrágio em que tomei parte tinhamos conseguido estabelecer uma jangada. Havia mez e meio que nos balouçavamos sobre as ondas dum Oceano interminavel e não havia forma de lobrigar nem uma ilha deserta. A fome era negra. Compreendemos que não havia outro recurso senão comermo-nos uns aos outros. Qual devia

ser o primeiro sacrificado? O capitão do navio, que pertencia ao rancho, uma bela tarde declarou:

—Um de nós será o primeiro a ser mastigado. Meus senhores, conheço o meu dever. Serei eu.

E, sacando duma pistola, apontou-a á cabeça.

Nesta altura, uma senhora susteve-lhe o braço com um grande grito:

—«Não! Isso não!

O heroico capitão desviou-a com um gesto rude; mas ela insistia desesperadamente:

—«Não! Nos miólos, não! E' o bocadinho que eu mais aprecio.

SEMPRE AS CREANÇAS

Uma senhora do Condado de Redondo tem uma filha pequenina e esta—não sei como—ouviu uma visinha tratar a mãe de *cocotte.*

—«Ó mamã! vae éla muito lépida preguntar logo. Quando eu fôr crescida tambem sou *cocotte.?*

—«Sim, minha filha, responde a mamã. Mas, para isso, é preciso que a menina tenha muito juiso.

ANDRÉ BRUN

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

A 23.a EXPOSIÇÃO ANUAL É UM CERTAMEN SUPERIOR AOS OUTROS

Deve com justiça salientar-se o esforço do juri da 23.a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, pois o certamen que atualmente está aberto ao publico na R. Barata Salgueiro é bem melhor que os antecedentes, podendo dizer-se que ali se exibem obras dignas dum primeiro «Salon de Arte».

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

O distinto artista e professor sr. Leopoldo Baptistini e o distinto pintor de azulejos sr Viriato da Silva abriram agora no Carmo uma exposição de Ceramica da firma «Constancia, L.da», que a julgar pelo exito obtido pelos anteriores certamens da mesma casa, constituirá um acontecimento entre os nossos amadores de objectos decorativos. Desejamo-lhe pois o sucesso que merece.

O nosso grande Concurso de Novelas Curtas

Rogamos aos autores das novelas premiadas, o favor de nos enviarem os seus retratos e as suas direcções.

Brevemente publicaremos a lista completa dos premios, que como dissemos são importantes obras da literatura e objectos de arte.

Atendendo a que muitos concorrentes são da provincia, enviaremos directamente os premios, logo que nos mandem as suas direcções.

NA LEGAÇÃO

—Sim, marqueza, é um erudito, um poliglota.
—Tem graça... e eu que o supunha norueguês...

Curiosidades

Bandeiras

Trofeus e insignias da antiguidade

Torna-se impossivel saber com exactidão quando se arvorou a primeira bandeira, essa insignia militar que hoje consideramos como o simbolo da Patria.

Não resta a menor duvida de que a primeira vez que dois agrupamentos humanos vieram ás mãos, cada um adoptou um signal, que, posto no alto, serviria para manter reunidos os homens do mesmo bando.

Pela Biblia sabemos que os antigos israelitas já tinham bandeiras, uma para cada tres tribus, e além d'isso, outras de menos importancia para distinguir as familias.

Muito se tem discutido sobre como deveriam ser as bandeiras hebraicas. Ha quem as descreva de ricos panos bordados, acrescentando que as das tribus de Judá, Isachar e Zabulon tinha um leão com este distico: «Que o Senhor se levante e vossos inimigos fujam deante de vós»; a de Ruben, Simeão e Gad, um veado com a divisa: «Escuta Israel: Jehovah o teu Deus é o unico Deus»; a de Ephraim, Manassés e Benjamin, um menino com esta inscripção: «A mão de Jehovah estava sobre eles todo o dia»; e por fim a das tribus de Dan, Aser e Naphtali, uma aguia com as palavras seguintes: «Volta, Senhor, e morre glorioso no meio dos exercitos de Israel». Se foram estas ou outras as figuras e disticos adoptados pelos hebreus, é dificil assegural-o; o texto biblico não diz uma palavra sobre taes pormenores, e por outro lado, é pouco verosimil que os hebreus usassem bandeiras de pano, visto que documentos fidedignos provam que n'aquela epoca nenhum povo as tinha d'esse genero.

Segundo Diodoro da Sicilia, o Egypto foi o primeiro paiz em que houve bandeiras e, na realidade, ainda que isto não fosse exacto, é certo que as bandeiras egypcias são as mais antigas de todas aquelas cuja forma conhecemos. A julgar pelos quadros de batalhas dos antigos monumentos, tinham os egypcios varias especies d'insignias, sendo a mais importante a que se conhece com o nome de *estandarte de Sesostris*, que consistia n'uma haste comprida, em cujo extremo havia um globo coroado por duas plumas enormes, quasi de tres metros de comprido, pintadas de verde, branco e encarnado. Este estandarte, que como se vê, não tinha grande parecença com as bandeiras modernas, servia para indicar onde acampavam as tropas do pharaó; quando este ia á guerra colocava-se o estandarte na sua barraca, e pelas dimensões d'este podia ser visto de muito longe. Outros emblemas semelhantes a este, embora mais pequenos e providos d'uma especie de peanha, erguiam-se em diversos pontos do acampamento, não sabemos se para indicar as barracas dos chefes superiores ou se com qualquer outro fim relacionado com a castrametação d'aquele tempo.

A terceira especie de insignias egipcias é a que pela sua significação se pode comparar melhor com uma bandeira.

Consiste numa haste com a imagem duma divindade na ponta: quer um gavião representando Horos, quer o busto de Osiris, ou um barco sagrado.

Provavelmente, estas insignias eram os distinctivos de cada corpo de exercito; talvez de cada povo. Subordinados a estes havia outros emblemas mais simples, quasi poderiamos dizer equivalentes ás bandeirolas de companhias das nossas tropas.

Já que se trata de bandeiras antigas, bem podemos dedicar umas linhas ás de alguns povos asiaticos, cuja civilisação é ainda assombro do mundo: as da Assyria, por exemplo, que consistiam num aro de metal rodeando varias figuras de genios, reis caçadores, demonios com cabeça de aguia ou touros sagrados; e ás da India que segundo pinturas antigas, não eram mais do que uma haste muito grossa adornada com um enorme penacho de crinas de cavalo, ou talvez de lã de yak. Esta insignia atravessou todo o Sul da Asia até á Turquia, onde se usou durante muitos seculos.

A bandeira moderna é de origem europeia. Os sarmatas, antigos habitantes da Russia, que tinham costumes muito especiais, taes como o de cobrir os cavalos de batalha com uma armadura de escamas, desde o focinho até aos cascos, usavam, quando combatiam, umas bandeiras não menos singulares. A insignia, posta como de costume sobre um pau comprido, consistia numa cabeça de dragão, de metal, ôca e com a boca enormemente aberta, cujo pescoço se prolongava num saco comprido e estreito de pano de côres vivas, adornado com fitas encarnadas ou azues. Quando o ginete que levava este original estandarte metia o cavalo a todo o galope, o ar que penetrava pela boca do dragão inchava o saco e este fluctuava ao vento, oferecendo certo aspecto de animal vivo, para o que contribuiam e não pouco, as fitas simulando as patas do bicho.

Quer fosse poi tão caprichosa bandeira ser demasiado pesada, quer porque o seu fabrico ficasse caro, o facto é que chegou o dia em que a cabeça do dragão foi suprimida, e como sem ela não tinha razão de ser o saco, converteu-se este n'uma tira de pano de forma parecida, especie de galhardete ou bandeirola que os sarmatas devem ter trazido á Europa ocidental, no seculo V, quando acompanharam os turcos nas suas invasões.

COISAS DA CÔRTE

O imperador da Austria não costumava dar a mão nem aos visitantes mais privilegiados. A sua saudação corrente reduzia-se a uma cortez inclinação de cabeça.

AS MULHERES NAS MINAS DO MEXICO

Os mineiros mexicanos teem superstições muito antigas, cuja explicação seria muito dificil de encontrar, e nem os proprios mineiros poderiam dal-a.

Uma vez negaram-se a descer, ás galerias das minas de Culican, algumas centenas de homens, só porque estas tinham sido visitadas por uma mulher; e para voltarem ao trabalho impuzeram a condição de que todos os poços e galerias fossem regados com agua benta e abençoados por um sacerdote, pois, segundo a sua crença, sempre que uma mulher desce ás minas acontece alguma desgraça.

ROCHEDOS DE FORMA SINGULAR

Junto á ilha de Corfu eleva-se um rochedo, que de longe tem a aparencia de um navio á vela. Os antigos diziam que era o navio fenicio que conduzio Ulisses á sua patria, e que Neptuno havia transformado em pedra, para vingar seu filho Polifemo. Outros dois rochedos, um ao pé da costa do paiz dos Patagões, e outro junto ás costas da California, apresentam ao longe a mesma fórma e tem muitas vezes enganado os navegantes.

No meio do mar, junto á cidadela de Bastia, na Corsega, está um rochedo que figura propriamente um leão deitado sobre as patas; chamam-lhe mesmo—«O leão de Bastia».

A CIDADE AONDE HA MAIS GATOS

Em Veneza esta especie de felinos constitue uma verdadeira praga. Aparecem em toda a parte, e todos os meios que teem sido postos em pratica para exterminar ou, pelo menos diminuir a população felina, teem sido infructiferos.

São gatos vadios que vivem dos desperdicios que os venezianos atiram á rua; mas o mais extraordinario é que se revezam com as ratas na rabusca do lixo, sem se fazerem mal mutuamente, e vivem em Veneza, aonde a agua abunda tanto, contradizendo assim a crença vulgar de que o gato é inimigo do liquido elemento.

AS MULHERES E O BOX

Só no estado de São Francisco da California estão instituidos quarenta e dois clubs de sport feminino. O mais curioso é que em todos esses clubs estão inscritas mulheres que aprendem box, dando uma media de dezoito mulheres por coletividade.

PARA QUE SERVE O PÓ

O pó é essencial para a vida dos animaes e das plantas. E' o meio atravez do qual chega até nós difusa a luz do dia, pois toda a atmosfera está carregada de diminutas particulas, que reflectem os raios solares. Segundo parece, é tambem ao pó que se deve o vermos o espaço da côr azul, que é a unica, que as ditas particulas reflectem e até as diferentes côres do mar se atribuem ao mesmo agente. As particulas mais pesadas, que ocupam na atmosfera o nivel mais inferior, absorvem os raios azues e reflectem os vermelhos, os verdes e os alaranjados, côres que vemos no céu ao pôr do sol e quando, por alguma erupção vulcanica, ha no ar um excesso de pó.

Sem o pó que ha em suspensão na atmosfera, a terra não geraria as chuvas que fertilisam, pois o vapor d'agua necessita algum nucleo para aglomerar-se e descer em fórma de chuva.

Emfim, outra utilidade do pó, e a não menos importante, consiste em ser um excelente adubo superficial para o sólo.

PORQUE RAZÃO AS SALVAS DE ARTILHARIA SÃO DE VINTE E UM TIROS

E' um facto realmente singular este de, em quasi todos os paizes do mundo, quando se fazem salvas de artilharia, se dispararem vinte e um tiros, ou cento e um, mas nunca vinte nem cem, como seria mais natural. A origem d'este curioso costume é pouco conhecida, e não será de mais explicar a sua origem.

Foi em Augsburgo, no tempo de um imperador que, segundo os dados mais fidedignos, deve ter sido Carlos V. As auctoridades da cidade tinham decidido que para receber dignamente o imperador se disparassem cem tiros de canhão; mas o oficial que comandava a força de artilharia, era um pouco distrahido, e não estando bem certo do numero de descargas que se tinham feito, acrescentou mais uma, para completar a centena no caso de se ter enganado na conta.

Uma cidade visinha soube que em Augsburgo se tinham disparado cento e um tiros e, para não ficar sendo menos, quando lhe tocou a vez de receber o monarca, deu o mesmo numero de tiros. D'este modo, e por simples orgulho local, a tradição passou de cidade em cidade, e convertida em costume, não tardou a ser imitada por todas as nações.

A FURIA DO MAR

Em todos os faroes da Dinamarca, conserva-se uma boa provisão de azeite, para o atirar ás ondas e acalmál-as durante as tempestades.

O TESTAMENTO DE "Tremidinho"

Ao sentir que vai caír o pano sobre a ultima e irrevogavel representação do drama que vivi, cumpre-me deixar algumas disposições para que, depois do meu passamento, possa ainda servir a classe teatral que tanto amei, de graça, pois como é sabido, nunca quis uma tradução, regeitei sempre as propostas do Erico para ser secretario e não apresentei jamais no Teatro Nacional nenhum «drama da Raça», com o «coração lusiada» vestido á moda do Minho.

Assim:

—Deixo ao meu amigo Gayo uma reforma completa em bom uso, pela qual cada auctor tem direito a representar no Nacional peças originais (até dez) e colocar no elenco senhoras (até três) do seu conhecimento.

—Ao mesmo teatro deixo tambem umas cabeleiras antigas que possuo, afim de não mais representarem os «Peraltas e Secias» de fórma que pareciam os «Carecas e Secias».

—Ao actor Chaby Pinheiro deixo-lhe como lembrança um bilhete inedito do Edurisa, do Porto.

—A' Sr. D. Amelia Rey-Colaço, deixo-lhe todos os meus interiores, cuidados por mim.

—Ao Luiz Salvador, só por pirraça, deixo-lhe uma «maquette» do Leitão de Barros, para ele fazer um scenario.

—Ao meu amigo Luiz Pereira, toda a minha fortuna pessoal, a receber no dia em que se entender com a Associação dos Escriptores, e beijar o Mario Duarte.

—Ao sr. Conde de Sucena o plano para a nova epoca do Eden, pelo qual, com 50 % da despesa deste ano, e pelo processo das sopas economicas, conseguirá azilar o dobro de internados deste ano.

—Ao sr. José Loureiro a forma de descalçar a bota do Trindade, entregando-o á Tereza Taveira e ao Gabriel Pratas, para montarem a «Filha do Tambôr Mór», exito garantido como as «Tangerinas Magicas».

—Ao Armando de Vasconcelos deixo-lhe cinco operetas portuguezas, todas em cimento armado, para êle pôr em scena na proxima epoca e ao Amarante uma quantidade de peças da Parceria que ficaram feitas, de proposito para êle, antes da morte do pobre Ernesto Rodrigues.

—A' actriz Carminda Pereira deixo um Citroën, maior que o da sua colega Lina Demoel.

E, áqueles que não têm nem Citroens, nem amizades bôas, nem ordenados de trús, mas que são apenas «cómicos», com honra da sua profissão, deixo-lhes a minha simpatia.

TREMIDINHO, fecit

cá por dentro

Aproxima-se o verão, e, anunciada a «tournée» Palmira Bastos-Gil Ferreira, ficam-nos em Lisboa funcionando regularmente, apenas o Avenida onde Amarante continuará, o Politeama com Chaby, e Erico Braga, ainda problematicamente. Que vai para o S. Luiz? Continuará fechado S. Carlos? Far-se-hão as obras no Nacional? Seguirá Rafael Marques no Apolo? Fechará de novo as portas o Trindade? Sucederá o mesmo ao Eden? Segundo muitas probabilidades o S. Luiz, o Nacional, o Trindade, o Eden e o Gymnasio, ficarão fechados — a menos que os seus arrendatarios se metam em folias de fazer emprezas de exploração teatral por conta propria.

Eis ao que se chegou! os artistas desempregados são ás centenas. A crise no pessoal de palco e nos colaboradores de teatro é enorme. O publico divide-se em duas categorias nitidas: o que vai á revista, constituido pela população mais baixa e mais rica hoje—e o que não vai á declamação, esperando pacientemente as companhias estrangeiras afim de se exibir com mais ou menos «snobismo».

E, no meio deste descalabro, os autores nacionais, sem elencos, sem companhias firmes, sem teatros seguros, ou se entregam tranquilamente a outros misteres esperando que passe a borrasca, ou se reunem em grupos anonimos para fazer revistas cujo gosto são os primeiros a condenar.

Eis o resultado da deseducação sistematica do publico, do imoral desiquilibrio das retribuições dos artistas, do excesso de elogios da critica—muito culpada—e de tantos vicios inatos e conhecidos de todas as nossas actividades.

o momento teatral

Lucilia Simões

Reapareceu hontem no palco do Trindade uma das mulheres que entre nós melhor tem conhecido a Gloria.

No dia — que vem breve! — em que se fizer a selecção perfeita dos valores dentro do teatro português—selecção que por todos os motivos é precisa, — o nome de Lucilia ficará á frente. bem á frente, na primeira linha dos que restarem.

A incomparavel artista das violentas paixões, evidentemente o nosso mais perfeito tipo de tragica, está em plena fulguração.

A sua escola, a sua fórma de representar, parecendo a uns talhada em moldes demasiado classicos, parecendo a outros arrojada de personalismo—tem no entanto, conquistado a todos.

Esta mulher serena, mais impetuosa na scena do que na vida, entregue a um escrupuloso trabalho ardente e continuo de todas as horas, é um dos maiores exemplos de superior actividade feminina que nos é dado presenciar. Não aparece na vida mundana esta grande artista. A sua existencia tem a calma de certas devoções religiosas.

De casa para o teatro—deste para aquela, ninguem mais a vê. Tem o seu cantinho, onde raros penetram. Ahí lê, ahí estuda, dedica-se, com paixão e com fé á sua grande profissão.

Fóra das intrigas e das discussões movimentadas dos palcos, fóra da tumultuaria vida de hoje, fóra do reclame palavroso e falso das gazetas—esta actriz á moda antiga que enorme exemplo não dá!

á sucapa...

Liga dos Frequentadores de Teatro

A convite da Comissão Organisadora desta Liga, fará brevemento uma conferencia sobre «Teatro» o brilhante causidico Sr. Dr. José Soares da Cunha e Costa.

Na mesma ocasião, um dos membros da Comissão falará sobre as razões da sua formação. Oportunamente anunciaremos o local e dia.

Revista no Salão Foz

Consta-nos que a Empreza do Salão Foz, na louvavel aspiração de dar sempre bons atrativos ao numeroso publico da sua casa, incumbiu um grupo de elementos modernos, de constituirem um espectaculo de revista e music-hall, que terá uma montagem curiosa e cheia de bom gosto, tendo já para isso sido tomados compromissos mutuos.

A revista chamar-se-hé «Foz-Magazine» e é escripta em moldes de inteira novidade, estando destinada a um exito não só popular mas aristocratico, chamando ali esse grande publico que aplaudiu os espectaculos de Conchita Ulia, Adria Rodi, e outras «estrelas».

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira.

Gymnasio — «Banca á Gloria» com Palmira Bastos e Gil Ferreira. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — O «Segredo de Polichinelo». Bom gosto e arte.

Nacional — Grande exito da peça «O Amor Vence».

Trindade — Estreia da Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «A Exilada».

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «O Martir do Calvario». Formidavel exito.

Coliseu — Grande sucesso do celebre artista Raymond.

O DOMINGO
Ilustrado

UMA NOVELA COMPLETA

2.º PREMIO

TORTURADOS

Admiravel pagina cheia de emoção, onde o autor se revela um talentoso escriptor cheio de equilibrio, e um coração cheio de fernura pelos infelizes. E' o drama dos proletarios sem trabalho.

ENCOSTA a tua cabeça no meu ombro, filhinha. Ficas mais conchegada.

— Vou-te incomodar...

—Não, não incomodas nada. Encosta a cabecinha e vê se dormes.

E as suas mãos rudes de operario puchavam docemente a cabeça da pobre querida, demorando-se sobre os cabelos, numa carícia muito terna.

Estavam os dois sós num banco da Avenida, naquela noite gelada de inverno precoce. Era a segunda noite que passavam ao relento, ainda atordoados e confusos perante a desgraça que, depois de os espreitar de longe, caíra de súbito sobre êles.

Tinham sido postos fora do triste quarto que habitavam após o segundo mês da falta de pagamento. Debalde êle rogava que esperassem mais um tempo, que a crise industrial o fazia andar desempregado, mas que tinha fé no futuro, e que a sua pobre rapariga estava gravida de seis mêses. Os bárbaros nada tinham querido ouvir.

—Se viesse a policia e nos prendesse... ciciou Josefina, num terror.

E Luiz, bom rapaz, a tranquilisá-la:

—Não vem, descança. Mas se viesse, não era peor. Era da maneira que dormíamos debaixo de telha. Assim com' assim, não te apoquentes.

E passou em mente as duas vezes que estivera preso, uma por ocasião de greve, por uma frase irónica dirigida a um policia boçal, a outra por ter sido apanhado a dormir num banco da praça pública, doutra vez que andava sem eira nem beira.

Tomou-os pouco a pouco um torpor morno e quasi doce, que os fez esquecerem-se de si prôprios. Na Avenida p eserta, a espessura das árvores entremostrava fundos sombrios cheios de misterio e de silêncio.

Um guarda-noturno passou junto do banco, enviezando um olhar para êles. Hesitou, ia continuar o seu caminho, mas resolveu-se por fim. Dormiam ambos, muito unidos, como costumavam fazê-lo no seu quarto de aluguer.

—Eh lá, amiguinhos, disse o guarda, sacudindo-os. Tenham paciencia, sabem que é proibido dormir na rua.

E lá foram, escorraçados, tontos de

Dormiam ambos muito unidos...

sono, procurar noutra parte o sitio acolhedor para os seus pobres corpos fatigados.

* * *

—Sr. Correia, disse Luiz ao antigo patrão. «Venho cá ver se já me pode aceitar outra vez. Soube que alguns colegas despedidos pela crise já voltaram e...

—Ná, ná, ná, fez o industrial, num tom breve. Eu cá tenho o nome de todos. Quando chegar a sua vez mando-o chamar.

—Mas, sr. Correia, eu não queria tirar o logar a outro, mas é que ninguem chegou ainda a esta miseria. Eu e a companheira temos dormido por aí, ao Deus dará. Não temos casa para viver, nem nada que comer. A roupa que trazemos no corpo é só a que temos, porque senão empenhavamos. Bem vê, sr. Correia...

—Mas que tenho eu que vêr com essas historias, e para que me vem você falar na sua amante? E não ha os que têm mulher e filhos?

—Eu tambem tenho mulher, sr. Correia. E o meu primeiro filho ha de nascer dentro em breve, se a fome da mãe o não matar, antes mesmo de êle nascer.

—Historias, historias! Eu não posso atender todos os que me procuram. Em todo o caso deixe-me cá o seu nome e se eu puder manda-lo-hei chamar.

* * *

Josefina tinha encontrado abrigo no cubiculo duma porteira sua amiga, mas Luiz continuava a não ter poiso certo. Quebrava-se-lhe o coração a ela de saber o pobre rapaz arrastando-se por aquele barbaro tempo. Quereria passar o que êle passava, mas ele mesmo a impedia disso, em nome da creança que ia nascer. Comiam alguns sobejos que a porteira, boa amiga, pedia á gente do predio. Não se podiam fitar que não chorassem. Nunca eles haviam julgado que se chegasse áquilo. Andavam no meio de tanta gente e eram como dois exilados da vida. Tinham deante de seus passos uma cidade inteira, e o mundo todo em volta, e eram como presidiarios que mal tivessem espaço para respirar.

* * *

—Sr. Correia, como não me mandou chamar, venho ver se já precisa de mim.

—Como? Outra vez? Mas eu já tenho o quadro completo. Já não necessito ninguem.

—No entanto eu preciso de comer. E a mulher tambem. Já lá tenho um filho, sr. Correia—e a sua voz amolecia-se, numa entonação terna. O sr. que se mostrou tão sensivel para os que tinham filhos, saiba que já lá tenho um.

—Tenho pena, mas o que disse está dito. Não preciso ninguem mais.

—Mas eu posso assim ficar eternamante?

—Pois procure, procure, que lhe hei-de eu fazer?

—O sr. pode-me admitir, se quizer. Seja bom, sr. Correia, prometo-lhe ser trabalhador e ordeiro. Admita-me por caridade!

—Tenha paciência, disse o industrial, num tom rude. A sua mão roliça e muito branca, onde brilavam aneis de preço, tinha-se colocado sobre o tampo da secretária, aberta, espalmada, como a pôr um grande ponto final na entrevista.

—Ah! sr. Correia! exclamou o rapaz, abafando no íntimo os gritos da sua alma. E só poude ainda dizer, num tom abafado: E depois se um homem faz uma asneira...

- Que é, que foi que disse?

—Digo que se um homem faz uma asneira... E não achou o resto da frase.

—Vocemecê é um insolente, sabe? fez o outro fulo. Ponha-se já lá fora e não torne a procurar-me. Vir aqui ameaçar-me, já viram?

Tinha-se levantado, muito agitado.

—Saia, saia depressa. Você tem cadastro, eu sei muito bem quem você é. E' por isso que o não quero cá, ouviu bem?

Luiz ia justificar-se, gritar. Mas o fa-

O pequenino ser agitava-se e vivia...

bricante chamara já um contínuo, que não teve nenhum trabalho em o pôr fóra da fabrica, atordoado e todo trémulo. Cá fóra teve uma angústia imensa, andou por momentos a tatear, porque um veu lhe obscurecia a vista. Depois encostou-se á parede, a cabeça pendeu-lhe num desânimo mortal, e chorou.

* * *

—Então nada?

—Nada.

—O que será do nosso pobre filho?

—Se ele morresse...

—Não digas isso, Luiz.

—E' um desgraçadinho, o nosso filho. As nossas duas desgraças somadas, dão a dele. Para que ha de ele viver, para quê?

—Meu querido filho...

E, querendo beija-la, enchia de lagrimas a carninha tenra do inocente.

—E agora?

—Agora, resta-nos crusarmos os braços e ficarmos á espera de morrer.

* * *

Luiz seguia pela rua onde ficava a fabrica. Queria mais uma vez fitar aquele edificio hostil, interroga-lo cá de fóra, ver mais uma vez se ele mostrava a mesma dureza esfingica, tentar enternecer as pedras, já que os corações humanos tão duros se mostravam.

A uma esquina dois rapazolas vestidos de ganga, falavam em voz baixa, de mãos nos bolsos. Luiz passou em frente da fabrica. Um estampido enorme soou, ao mesmo tempo que uma fumaceira cerrada o envolvia. Ao principio não viu nada, mas depois, por uma aberta do fumo, poude ver ao fim da rua os dois criminosos que fugiam. Olhou em volta, receoso, depois precipitadamente, poz-se a correr tambem. Não dera vinte passos e já alguns braços vigorosos o seguravam. Foi vituperado, batido, calcado. As boas almas, em volta dele, faziam uma vozearia indignada. Punhos impiedosos abatiam-se sobre o seu rosto macilento.

Na esquadra negou tudo. Quando o sr. Correia entrou, muito cheio de importancia, houve um sussurro de admiração e respeito pela *vítima*.

—E' ele, eu bem dizia, bufou o industrial. Ameaçou-me de morte, ha dois dias, no meu escritorio. Tive de o mandar pôr fora, mas voltou hoje para fazer esta infâmia. Tem cadastro, podem ver, tem cadastro! Homens assim deviam ser banidos da sociedade.

E limpava o suor, que aquela sagrada indignação fazia correr pelo rosto rubicundo.

* * *

No vapor que levava os deportados para a Guiné, seguia Luiz, como «inplicado no lançamento de bombas contra uma fabrica, e com cadastro de duas prisões por insultos á policia e por vadiagem.» No cais uma multidão se comprimia, amalgama de farrapos, de lagrimas e de revoltas sacudidas e brutais.

Josefina, com os olhos arrazados, e dois sulcos de pranto nas faces, viera até ali com o filhito, para enviar nos dedos um ultimo beijo ao amante.

O vapor seguia, Tejo fora, cheio de corações que os males do mundo haviam empedernido e tornado ferozes. Quando o vapor se perdeu, ao longe,

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA COMPLETA

O assassino de Inez de Castro

Curiosissima coincidencia que se deu em Lisboa ha alguns anos. Pagina dum inéditismo absoluto, em que o maior fantasista é o acaso.

Aquele actor triste e magro, alto, anguloso talhado em pau, que fez num teatro o *Pacheco* do drama de Marcelino, foi um homem que eu nunca mais perdi de vista.

E ainda mesmo quando, alguma vez na «Chic», o via a tomar numa mesa o melancolico café, embora a sua apagada indumentaria lhe desse o debil ar dum homem perfeitamente inofensivo —eu evocava-o sempre vestido pela fantasia luxuosa do Castelo Branco, tendo rojada aos pés uma ingenua loura e clamando apostrofes violentas com os olhos redondos e brilhantes, fóra das orbitas inflamadas.

Extranha e pasmosa coincidencia aquela! Pacheco na scena e Pacheco na vida!

De facto, esse homem magro como uma tenaz, chamava-se Pacheco. Mas aquele papel tetrico e soturno que o fixou no meu espirito, tinha uma tal antitese com a sua vida sofredora e pacifica—apesar de toda essa formidavel coincidencia de nomes—que eu, quando um dia o acaso me trouxe sob os olhos o seu drama familiar e torpe, disse como aquele outro personagem do «Monsieur de cinq heurs». Que capitulo! Que grande capitulo!

* * *

A casa de hospedes da Calçada do Livramento não era um negocio «farto».

E não o era porque D. Ignez, nem por ser uma senhora gorda da categoria dos pesados, e ter no seu equador um verdadeiro circulo maximo, possuia além duma averiguada falta de talento administrativo, uma doença sentimental justificada pela frase corrente: «a carne é fraca».

Não farto para ela, e muito menos farto para os hospedes.

Viuva do Castro da loja de ferragens, a D. Ignez herdara uns patacos com o trespasse do marido e com o trespasse das respectivas ferragens.

Desses patacos velhos surgiu no 2.º andar de sacada com sua correnteza de janelas, onde ela alojava, por preços francamente convidativos, um certo numero de homens de poucas posses e respeitaveis á primeira vista.

Para se ser hospede de D. Ignez

Aquele trinca-espinhas...

bastava—além da esportula miseravel que ela levava pela «comida trivial e de muito aceio»—um olhar terno, prometedor e facil, lançado sobre a rotundidade formidavel das suas ancas de elefante. Era caso arrumado. D. Ignez arranjava sempre um quartinho arejado, para o marmanjo que soubesse resistir á argamassa dos seus bifes minerais—e cuja carga maxima não fosse inferior ás suas proprias duas toneladas de peso bruto.

* * *

Foi por anuncio que o Pacheco foi parar á casa do Livramento. Entrou por uma manhã de chuva, cumprimentador, timido, afavel, a pedir um quarto. D. Ignez lançou-lhe o olho lubrico. Aquele trinca espinhas meio curvado, com o fato patinado a café e uma violeta pretenciosa na lapela—excitou-a logo. Que sim, que ficasse, que se havia de arranjar o quartinho. Era uma questão de correr com o sr. Afonso da casa de penhores, cuja cronica catarreia a irritava já, fazendo-lhe esquecer passadas felicidades. E para em tudo haver naquela casa a coincidencia historica que por um histerico capricho o acaso fornecia, ouviu-se uma tarde esta frase tremenda dita por D. Ignez ao seu incomodo hospede, no sentido dele abandonar de vez os seus aposentos: Senhor Afonso, quarto... e comida por dois mil e quinhentos, não posso dar mais!

Afonso respondeu-lhe apenas:

Ignez! a sr. anda de gorra com esse homem—ha-de ser ele que ha-de dar cabo de si!

* * *

Toda aquela primavera D. Ignez de Castro passou bem dos intestinos—ela que ultimamente tanto sofria!—e foi um regabofe de passeatas no electrico para o Dafundo, com o Pacheco á estribeira, e os olhares tremendos e bravos de Afonso, lançados de sobre a taboleta dos penhores do 1.º andar.

Dir-se-hia que o Pacheco, farto do estomago, medrava á sombra vetusta dessa gorda amorosa que a Historia registará.

* * *

Mas Pacheco era actor. E um actor não pertence a si. Se ele era na scena da vida o Pacheco docil da D. Ignez de Castro do Livramento a Alcantara, —na vida da scena, ele era um actor com compromissos firmados e contractos a cumprir.

E, um dia, de «tourneé», ei-lo que parte, com o sonho nebuloso de lapides na provincia, dirigindo esse agrupamento artistico que os jornais referiram sob o titulo de «*Nova companhia dramatica da qual faz parte o actor Pacheco*», a qual nem por se ter dissolvido em Bucelas, apoz umas pequenas desavenças—deixou por isso de ser brilhante, segundo o relato dum cavalheiro encarregue de o noticiar em Lisboa, por uns magros escudos mensais.

Mas, paralelamente aos dramas suculentos que heroicamente Pacheco representou ante a provincia estupefacta, dava-se no Livramento uma tragedia.

D. Inez cujo coração ficava para todo o sempre preso aquele homem romantico e palido—cuja caspa ela tantas manhãs tirara a pente fino—arrastava-se molemente pelos corredores da habitação, enchendo o ar dos seus pesados urros sentimentais.

Mais miseraveis do que nunca os bifes que servia aos seus desolados comensais—madame Castro via fugir-lhe a clientela fiel até então.

Numa noite fria, Inez de Castro, desceu ao primeiro andar. Era aquele

Uma morta com um punhal do guarda-roupa Cruz...

recurso da mulher que procura remexer uma cinza de anos, quasi apagada, na esperança de se aquecer ainda. Afonso, não estava.

Um desalento profundo coroa-lhe na face bochechuda umas olheiras maiores. D. Inez subiu a escada. Já nas ultimas semanas ela *sofria tanto do interior.*

Então, na casa deserta e fria, a sua silhoueta quadrada agitara-se nervosa. Pacheco não escreveu mais. Oh! sim! devia andar com essas fufias do teatro, e despreza-la a ela, que durante mezes lhe dera tudo—desde o pão para a boca, á roupa para o corpo, a ela que até dinheiro—Deus lhe perdôe!—lhe dera para tratar do dente pôdre... E era assim, que ele, o Pacheco, lhe pagava toda uma estação calmosa de dedicações intimas e de sacrificios inéditos!

Então todo o seu ser se revoltou:

Os comicos! Oh! os comicos! Sempre os mesmos!

Ao peso do seu corpo pesado a *chaise-longue* estremeceu.

Ouviu-se um grito surdo.

* * *

A essa hora Pacheco representava em Caxarias *Pedro, o Cru.*

Duas Inezes, ambas de Castro, morriam ás suas mãos ferozes. Aquela com um punhal do guarda-roupa Cruz, incrustado de vidraças de côr—esta a esse punhal mais subtil e mais doloroso, do esquecimento—a ingratidão.

. . . .

Foi Afonso a unica pessoa que a acompanhou ao cemiterio dos Prazeres.

Interrogado, á volta, poude responder com toda a propriedade:

A Historia repete-se:

Fui acompanhar a D. Inez de Castro—mais uma vez o seu assassino foi Pacheco!

O Reporter Misterio

---

a turba, já decomposta, acabou de dispersar-se.

Só Josefina ali ficava, muito hirta, com o filhinho ao colo. Num aniquilamento de todo o seu ser olhava inconsciente as aguas do Tejo e perguntava-se, imbecilmente, porque tinham elas naquele dia uma cor mais carregada, mais turva. Depois lembrou-se vagamente de que vivia, e uma grande magua lhe subiu do fundo transformada num soluço enorme que lhe torturou todo o peito antes de sair. Deixou de ver em sua volta, quiz apoiar-se mas não encontrou aonde, deu uns passos, ao acaso, cega, anelante, caiu pesadamente sobre as pedras do cais, e ficou-se, estiraçada, morta, com o crâneo fendido. Gente acorreu, alguns braços se ergueram para a levantar. Mas detiveram-se a este espectaculo: sobre o corpo da mãe, morta de dor e de miseria, o pequenino agitava-se e vivia, como um simbolo augusto da vida, que atravez de toda a angustia e de todo o sofrimento. passa, soberana e altiva, na sua febre de eclosão e de renovação constante.

OSWALDO ALVING

VARIA

CAMPO PEQUENO

Inauguração, hoje, da epoca tauromaquica 1926

SOB o docel magnifico deste sonhador paiz que o mar beija e retrata e de que o solo não ingrato á mão diligente do homem é sempre formosissimo tapete, matisado de flores, vai por mais uma vez ser aberto o periodo das corridas taurinas em que, mais ou menos, se agita e entusiasma até o delirio a população inteira da Peninsula Iberica.

Não participo eu, individualmente, do calor de espectativa que enche as praças de multidões compactas; mas sei reconhecer o valor empolgante da Arte que se revela nas arenas

J. J. Segurado

e arranca aplausos unisonos e a fonte de benemerencias que essas mesmas arenas são e tem sido na esfera e na acção de assistencia publica.

Por milhares de vezes os triunfos grandiosos, ali alcançados na lide, converteram-se no socorro da miseria e enxugaram a lagrima da nudez faminta.

E, porventura, debaixo deste aspecto de civismo pratico e de solidariedade bem entendida, nenhum espectaculo se apresenta de maior vulto, quer pela concorrencia quer pela plenissima aceitação.

A inauguração que é levada a efeito, associa-se o nome de um emprezario que tem sabido neste campo especial de benemerencia conquistar uma aura de fundamentada integração: J. J. S. Segurado.

Se as touradas no Campo Pequeno e em Algés lhe são devidas em grandissima parte como arrojado e activo iniciador não menos os pobres lhe devem um registo no coração como tambem iniciador e coluna forte de beneficios a eles directamente aplicados nos produtos das bilheteiras.

Ainda um outro nome estou a lêr no meu cerebro, associado ao do geralmente conhecido e simpatico emprezario: José Pedro do Carmo, antigo aficionado e ao presente critico especial do «Domingo Ilustrado».

Não só isto o recomenda. É ele um notavel charadista, um funcionario assiduo e deligente e, a sobredoirar tais predicados positivos, um filho modelo, companheiro e amparo idolatrado da sua velhinha e bondosa mãe.

É assim, com auspicios desta natureza e de tanto significado, que se inicia ao ardente fulgor do sol da terra portugueza, na altura em que o magestoso Tejo se confunde na liquida massa cristalina do esplendido Atlantico, a nova epoca de uma distração ainda diletissima, deveras honrada por masculas tradições retumbantes e sempre mimosa de rôseirais em flor a demudarem-se e converterem-se nas grinaldas nunca murchas e nos gestos de continuo prontos de auxilio a quantos são minguados do pão para a boca, da vestidura para o corpo e do lume no lar.

José Pedro do Carmo

D. FRANCISCO NORONHA

* * *

DETALHE DA CORRIDA

1.º touro para Simão da Veiga
2.º » » Ribeiro Tomé e Alfredo Santos (concurso)
3.º » » Agostinho Coelho e Pias Flores (concurso)
4.º » » Antonio Luiz Lopes
5.º » » Muñoz Crespo e Julio Procopio (concurso)

INTERVALO DE 15 MINUTOS

6.º touro para Simão da Veiga e Antodio Luiz Lopes
7.º e 8.º touros pelos artistas apurados na primeira parte, pelo Juri para a classificação de categorias.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 63

Por G. Heathcote (1912)

Pretas (7)

(Brancas (13)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 61

1 C 4 T D

Resolveram o sr. Vicente Mendonça, Grupo Albicastrense, srs. Sueiro da Silveira e João Salazar d'Eça.

Terminou o Campeonato Nacional de Xadrez.

O Dr. Mario Pegado ereira Machado classificado em 1.º lugar com 14 pontos, Antonio Maria Pires em 2.º lugar com 13 1|2 pontos, Dr. João Maria da Costa em 3.º lugar com 13 pontos, E. Perlen em 4.º lugar com 10 pontos e A. da Silva em 5.º com 9 1|2 pontos.

O Dr. Mario Pereira Machado fica pois detentor do titulo de campeão de Portugal no ano de 1626.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

Quere aprender a decifrar charadas para se entreter? Compre o manual de charadista, editado pela Parceria Antonio Maria Pereira, R. Augusta, 44 a 54—Lisboa.

CHARADAS EM VERSO

(*Ao prezado confrade* Lhálha)

1
Nos alcantis destes *serros*—2
Onde o pegureiro habita,
Vim resgatar os meus erros
Em vida de cenobita.

Mas, sem que seja forçado
Resolvo, logo ao chegar,—3
Dizer-lhe muito *obrigado*
Pela sua «Cruciar».

Lisboa AVIEIRA

2
Sinto que sofro: estou mal.
Que tenho, não sei dizer;
Mas «*é*» doença, afinal,—2
O que assim me faz sofrer.
Nada vejo a «*flôr*» do rosto;—1
E' dos rins, do coração?
Anda-me á *roda* a cabeça—1
E tenho—p'ra fim de peça—
Enorme *salivação!*

Lisboa D. GALENO (T. E.)

3
Dizem p'ra a sem descanço
Que a água da Companhia
Só a bebe quem é tan-o,
Por ter tanta porcaria!

E' preciso ter cautela;
Por *muito* calor que faça—2
Não bebeis essa mistela
Que evitais vossa desgraça.

Mas o «povinho» pateta
Aguentando a sua dôr,
Diz que o tifo é uma treta,
E como *coisa sem valor!*—1

Até diz muita «madame»
Que a agua estraga a derme . , .
Procedendo ao seu exame
Lobriguei enorme «*verme*».

Lisboa ZEQUITOLES

(*Para ralar a capacidade do* Camarão, *em resposta á sua* Furo-paredes)

4
Caiu por terra a charada
Sem um gemido, um lamento!
Foi por você destroçada
Reduzida logo ao nada
Por possuir tal talento!

Já tinha isso previsto,
Nada mais era esperar.
Mas agora não desisto,
Embora eu fique mal visto.
De o fazer arreliar.

Pois sem *pretexto* vos digo—2
Que vos venho aqui *trazer*—2
Um conceito, meu amigo,
Que encerra um certo perigo
Bem mau de *compreender*...

Lisboa D. SIMPATICO (T. E.)

5
Tome «*nota*», minha amiga,—1
Diz o Barata á Clemencia;
Com *um* tempo assim tão frio—1
E' preciso ter *prudencia*.

Lisboa AFRICANO (T. E.

LOGOGRIFO

(*Ao distinto charadista* Edipo)

6
Numa certa madrugada,
Fui p'ro campo passear,
Com a arma preparada
P'ra me entreter a caçar.

Mas é preciso dizer
—Verdade a cima de tudo—
Que, apesar de me *entreter*—3—9—6—1—5—8
Apanho sempre canudo!

«*Corro*» por montes e vales,—9—8—5—6—9
Palmilho leguas sem *fim*,—3—2—1—7
Vejo caça, muita caça,
Mas caça-la?... isso sim!..,

Faço tiros á matroca,
Disparo sem apontar;
Foge um coelho p'ra toca,
Um melro põe-se a cantar!

Depois dum dia infinito
Fui, como sempre, *infeliz*—4—8—10—11—4—2
Não matei um «*passarito*»,
Nem sequer uma perdiz!...

Lisboa D. GALENO (T. E.)

CHARADAS EM FRASE

7 E's um *medroso*! Só por teres colhido a «*planta*» deixas que te deem uma *bofetada*!—2 1

Lisboa ZEQUITOLES

8 Pelo *modo* como se apresenta, esta «*mulher*» deve estudar *arte heraldica*.—1—3

Lisboa AVIEIRA

9 O meu *pai* foi *salvo* por *engano*—2—1.

10 O *chefe* não deu *motivo* para que lhe oferecessem um *banquete*.—2—1.

Lisboa AFRICANO (T. 5.)

11 *Animo!* que o nosso *trabalho* ha-de causar *assombro!*—1—2

12 Quando sôa o *canhão* apenas se ouve um «*instrumento*»: o *clarim*.—1—1

Lisboa REI-VAX

CORREIO

MENINA XÓ.—Queira dar-se á massada de ler o regulamento publicado no n.º 62.

ERRECE.—E' muito significativo o seu silencio...

REI-FERA

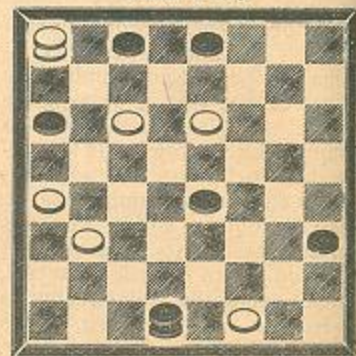
Recebemos do sr. dr. Carlos Eugenio Ferreira, advogado notavel na India Portugueza, a sua bela obra «O Supremo Tribunal de Justiça de Lisboa, nas questões de posse e propriedade do Estado da India.

O seu autor é, como se sabe, um notavel musicista, a cuja obra mais de espaço nos referiremos.

Solução do problema n.º 62

	Brancas	Pretas
1	10-15	19-10
2	12-19	28-15
3	23-26	30-23
4	3-7	10-3 (D)
5	1-10-19-26	3-17-31-24
6	20-27	?
7	27-32	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 63

Pretas 1 D e 5 p.

Brancas 1 D 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 61 a sr.ª D. Emilia de Sousa Ferreira, e os srs.: Artur Mascarenhas Martins, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), Carlos Gomes (Bemfica), José Brandão, José Magno (Algés), Neulame (Figueira da Foz), Ratevana (Cascaes), Ruy Freiria, Vicente Mendonça e Espectriz, que nos enviou o problema, hoje, publicado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

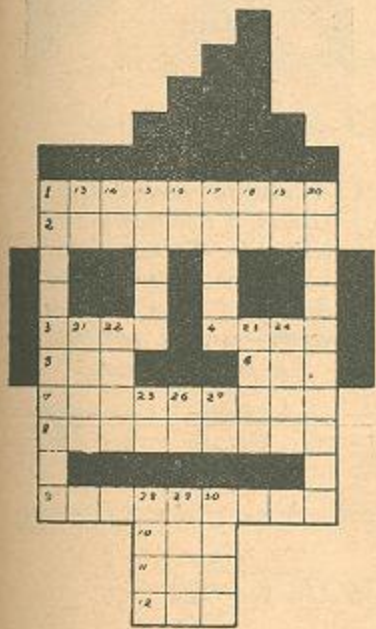
Palavras Cruzadas

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

QUADRO DE DECIFRADORES

AULEDO, MENINA XÓ, HOFESINHO, JOFRALINHO, É DE PINHO, LIMA CHARADAS, OS GRIGORIOS LARICAS, DOIS PRINCIPIANTES, C'AMELIA, VARANDAS E ZEQUITOLES.

Campeões do n.º 62

HORISONTAIS:—1—Planta, 2—Admoestavam, 3—de Bronze, 4—Mau humor, 5—Ré

(ant.), 6—Anagrama de MIL, 7—Soberano, 8—Concordata em francez, 9—Mandado, 10—Erradamente, 11—Participio passado dum verbo, 12—Masca.

VERTICAIS:—1—Planta, 13—Anagrama de Dá, 14—Duas consoantes, 15—Idoso, 16—Atmosfera 17—Repete, 18—Nota de musica, 19—Aqui, 20—Aparelho para medir chuva, 21—Pregão Asiatico, 22—Anagrama de Pena, 23—Espirito em Inglez, 24—Anagrama de Luta, 25—Duas letras de Eça, 26—Anagrama de Or, 27—Atmosfera, 28—Governador Arabe, 29—Boio, 30—Planta.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO.—HORISONTAIS:—1—Boi, 2—Sarda, 3—Pancada, 4—Retia, 5—Ir, 6—Cid, 7—Aroma, 8—Rã, 9—Aza, 10—Acaso, 11—Arco, 12—Foot-Ball, 13—Alia, 14—Ai, 15—Rã, 16—Ero, 17—Mi.

VERTICAIS:—1—Banido, 2—Sátira, 3—Pecar, 10—Acoito, 18—Só, 19—Orca, 20—Má, 21—Ida, 22—Az, 23—Adia, 24—Ar, 25—Bafagem, 26—Rol, 27—Ri, 28—Cota, 29—Orlar, 30—Lia.

CORREIO

C'AMELIA.—Muito obrigado pelo seu problema. Depois de reproduzido, sairá num dos proximos numeros.

DOIS PRINCIPIANTES.—Os seus problemas são interessantes, apenas o desenho é muito imperfeito. Não lhes seria possivel fazer melhor?

Era conveniente, porque assim mais depressa seriam publicados.

MARIO FREIRIA.—Teremos muito prazer em receber os seus problemas caso no-los queira enviar.

M. RELVAS.—Em tempo oportuno será publicado o seu problema.

RÓCÓHÓ.—Muito interessante o seu trabalho, mas só o podemos publicar desde que nos envie novo desenho feito em papel branco e a tinta da China.

AULEDO.—E' assim que deseja?

ILDA PEREIRA E SILVA.—Muito e muito obrigado pelo seu problema. Espero que não voltará mais a esquecer-se de nos enviar sempre os seus mui apreciados trabalhos.

NOTA.—O presente problema é da autoria da nossa gentil colaboradora Ex.ma Sr.a D. Ilda Pereira e Silva.

LUIZ TROVÃO

CARTAS DE UMA VAGABUNDA
por Luzia.

Ao voltar a última página destas longas e deliciosas cartas, tive a impressão dolorosa de me ter despedido—não sei por quanto tempo!—da intimidade encantadora duma pessoa minha amiga e muito à minha feição.

Talvez por isso não me apetece repetir banalidades e recorrer a gastos adjectivos laudatórios para comentar as «Cartas duma vagabunda».

Quando não se tratasse, como se trata, dum livro escrito em lingua puríssima e rica—, quando não fosse uma obra cheia de sinceridade, de ternura, de espírito e de graça discreta e expontânea, seria, ainda assim, um livro para ser respeitado. Nas suas páginas, surge uma linda alma de mulher, a falar docemente, portuguêsmente, com sorrisos e lágrimas. A vagabunda que anda a correr tôdas as terras, sabe tambem entrar em todos os corações, desde os menos emotivos aos mais exaltados...

Os escritores que possuem, como Luísa Grande, o segrêdo de saber espalhar um fluído de simpatia, isentam-se, por isso, mesmo, de qualquer analise prótocolar e sêca. Mesmo que fosse preciso—e quási nunca é—, ninguem se atreveria a fazer-lhes doer... Apetece apenas agradecer-lhes a mercê de nos chamarem à sua fidalga convivência.

Para Luzia continuar a escrever cartas semelhantes às que acabo de ler, eu gostaria que ela continuasse a vêr passar o extenso «film» do mundo, todo cheio de motivos de surpreza e de emoção. Mas para não acontecer que ela nos fuja, um dia, e não escreva mais para os nossos olhos portuguêses, eu preferiria saber que Luzia parou de vaguear e se encontrava definitivamente instalada, contemplando apenas a sua alma doce e menina, ouvindo apenas os ultimos ecos de mil saudades extinctas...

Tereza LEITÃO DE BARROS

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

ZITA DUM TARECO.—Boa imaginação, muitos nervos, ordem nos objectos do «toilette» (e desordem nas gavetas e nas ideias), amor aos livros e ás flores, amante de versos e a tudo que é bonito incluindo as pessoas; generosidade intermitente.

NANAN.—Temperamento nervoso e sonhador, inteligente, um tanto vaidosa, força de vontade... só de palavra, uma pontinha de ironia sem maldade, preguiçosa... amante de ler e de conversar.

SEMPRE CRIANÇA.—Caracter recto, juizo claro e calmo para tudo, espirito religioso, lealdade, generosidade bem entendida, ordem e aceio, boa memoria mas que já foi melhor, amor aos livros, dignidade sem orgulho.

31 DE JULHO.—Nervos cansados e temperamento fraco, não obstante é de uma energia moral que transcende em optimismo, como um velho, com coração novo, dignidade de si proprio, caracter bondoso sem pieguice, bom gosto, um tanto prodigo, boa memoria, irritabilidades passageiras.

MAX REGABOFF.—Boa e cultivada inteligencia, bom senso, amante de tudo quanto é belo, trabalhador ordenado, generosidade bem entendida, ideias proprias, intuição e constante nos afectos e nas ideias.

UM QUE SOFRE.—Não serve papel pautado. Queira escrever outra vez. Não é preciso dinheiro.

UMA TANGANHISTA.—Temperamento impulsivo, facilmente irrascivel, ideias proprias, um tanto fraco nas paixões, orgulho intimo, rajadas de optimismo que param prontamente deixando-o num abatimento moral, bom gosto, amor á estetica, má memoria, generosidades prodigas.

FANTOMAS.—Inteligencia clara, caracter impulsivo e franco, força de vontade, optimismo nascido de quem tem muita confiança em si proprio, gosto para mandar, amante das belas artes, ideias independentes e elevadas, generosidade, amor á discussão, desordem e aceio.

STELIO PORTOGHESE.—Diz que me escreveu duas vezes, mas eu só recebi esta, metade em portuguez metade em italiano. O seu caracter não é mau, pelo contrario está cheio de boas qualidades taes como generosidade, bom gosto, inteligencia, caracter aberto e bondoso, e apesar de amar o Dante não o creio inentificado com ele posto que o senhor não tenha o pessimismo funebre da sua imortal obra, no tema amor é que o senhor se torna tragico ciumento e fortemente sensual, orgulhoso sem vaidade, poeta (em prosa); boa pessoa e trabalhador. Capisca?

A. C. CHARRÁ.—Imaginação, espirito religioso sem exagero, força de vontade media, caracter pratico e um tanto economico, pouca vaidade, bom gosto, muito amor aos seus, não é pessimista mas sim desconfiado.

CILA.—Força de vontade, caracter caprichoso e facilmente irascivel, pessimismo, espirito religioso, amor á dança, inteligencia não muito cultivada, impulso generoso, mas o egoismo vence e a faz arrepender, vaidade pueril, tendencias diplomaticas, ordem e aceio.

DEUCALION.—Caracter orgulhoso, de temperamento impulsivo, inteligente, um tanto filosofo, com intermitencias de «estudante destrambelhado» e «pessoa de juizo» com a mania de analisar as coisas, tem excentricidades a que os amigos «acham muita piada», generosidades prodigas.., acessos de colera, sensualidade fortissima, resoluções prontas, habilidade manual, agilidade de espirito, amor á estetica mas desordem no quarto, (falta de paciencia para por as coisas no seu logar), amor aos livros, bom coração... e poeta mas tem uma certa vergonha disso.

MATUTINA.—Apesar de ser pequenina como diz, o seu caracter revela uma grande força de vontade e muito sentido pratico das coisas.

E' um bocado autoritaria, muito ordenada, pouco vaidosa, puerilmente, mas tem um cérto orgulho do que vale.

Religiosa profunda e sinceramente.

PATÓ.—Energia, boa disposição de espirito, caracter impulsivo, de verbo facil e agradavel, generoso, um tanto vaidoso, amigo de discutir, de resoluções rapidas, preguiçoso para o estudo mas de inteligencia assimilavel, leal e amigo de fazer favores, sonhador ás vezes e só quando está só.

MARIA ALICE SARAIVA RIBEIRO.—As consultas particulares são 5 escudos, se enviar o dinheiro que falta enviarei como deseja a sua resposta pelo correio, tambem terá de escrever novamente pois o papel pautado não serve, queira ver as condições em qualquer Domingo Ilustrado.

CHINDASVINTA.—Espirito subtil, intuição, generosidade, bom gosto, boa memoria, ideias proprias e pouco mudaveis, ordem, amor á estetica, espirito religioso sem exagero, verbo facil, sentimento de poesia.

RABESTANA.—Inteligencia, generosidade, fantasista, um tanto romantico, pouca vaidade e muito orgulho de si proprio, força de vontade, energia fisica; sentimento de poesia, falador, discutidor, espirito um tanto ironico, sem má intenção, ideias proprias e independentes, ordem e asseio.

JOHN LAWRENCE FALONE.—Força de vontade impaciente, bom gosto, imaginação, generosidade bem entendida, culto pela recordação, memoria, ordem, amor á estetica sem simetria, curiosidade de saber, rajadas de pessimismo, pouca vaidade.

DESNORTEADA.—Espirito fraco, facilmente cae em rotinas e prejuizos, um tanto religiosa, ciumenta, facilmente irascivel, muitos nervos, idealismos inconfessados, boa memoria, generosidade bem entendida.

3/11/25.—Boa e cultivada inteligencia, caracter apaixonado e dedicado, lealdade, um pouco de imaginação a mais, habilidade manual, intuição, sentimento de poesia, amor á estetica, curiosidade, excelente memoria, força de vontade media, sensualidade cerebral.

CENTRO AVANTE.—Queira escrever outra vez pois não servem versos para a analise (não é preciso dinheiro).

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*, *RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA*

Actualidades gráficas

DR. AFONSO COSTA

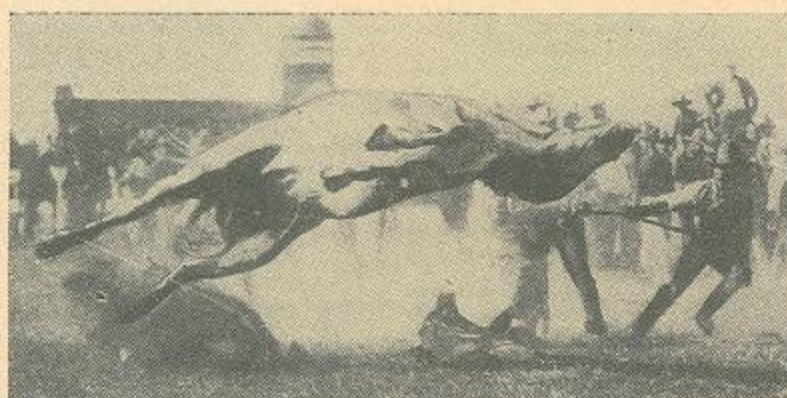
O notavel estadista da Republica a quem o Sr. Ministro dos Estrangeiros nomeou presidente perpetuo da nossa delegação á S. D. N. com honras de Embaixada.

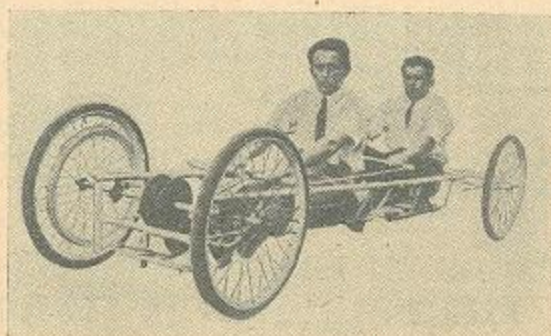
"HAIR-DRESSER"

O cabeleireiro dominical dos cidadãos da Nova Guiné.

AS LETRAS

A distinta poetisa Oliva Guerra, a cujo recente livro intitulado «Encantamento» —que tem obtido um grande sucesso de critica e de venda — faremos referência no próximo numero.

UMA LIÇÃO COMPLICADA

Como os cow-boys *domam os cavalos selvagens.*

UMA INVENÇÃO CURIOSA:

Um barco terrestre: rema-se e com o movimento dos braços imprime-se ás rodas grande numero de rotações por minuto, chegando a atingir-se grandes velocidades.

AS RAINHAS DO AR:

AS GAIVOTAS

Em pleno vôo comem uma guloseima que se lhes estenda.

Publicidade

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

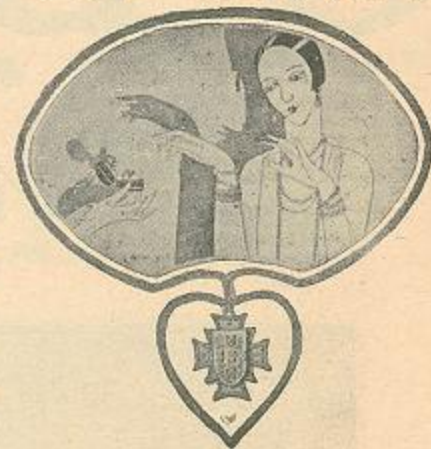
SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53

Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: 1160

FILIAL EM LISBOA

RUA DO CARMO, 87-B

Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: N. 1360

Calçado "ELITE"

QUALIDADE SUPERIOR
COMODIDADE INEGUALÁVEL
DURABILIDADE INEXCEDÍVEL
ELEGANCIA SUPREMA
ACABAMENTO
ESMERADO

São os requisitos que o tornam recomendável e pelos quais tem conquistado a preferência do público.

VENDE-SE
NAS
PRINCIPAIS SAPATARIAS
DE LISBOA

UM LIVRO

A Historia de Gôa

Pelo Padre Gabriel de Saldanha

TODOS OS QUE DESCONHECEM E TODOS OS QUE CONHECEM A

India Portugueza

O DEVEM LÊR

1 grosso volume de 420 paginas **24$50**

Pedidos á casa Editora: LIVRARIA COELHO NOVA GOA

EM LISBOA: AILLAUD LIMITADA, 73 Rua Garrett

AS MALAS DE VIAGEM
MAIS *ELEGANTES*
MAIS *RESISTENTES*
E MAIS *ECONOMICAS*

COMPRAM-SE A PREÇO DE FABRICANTE

NA

"A ORIGINAL"

RUA DA PALMA, 266-A — LISBOA

(Proximo ao Intendente)

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

A FOTOGRAFIA BRAZIL

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS : MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE : SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 141

LOPES & CABRAL

Especialidade em artigos de mercearia de primeira qualidade

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181

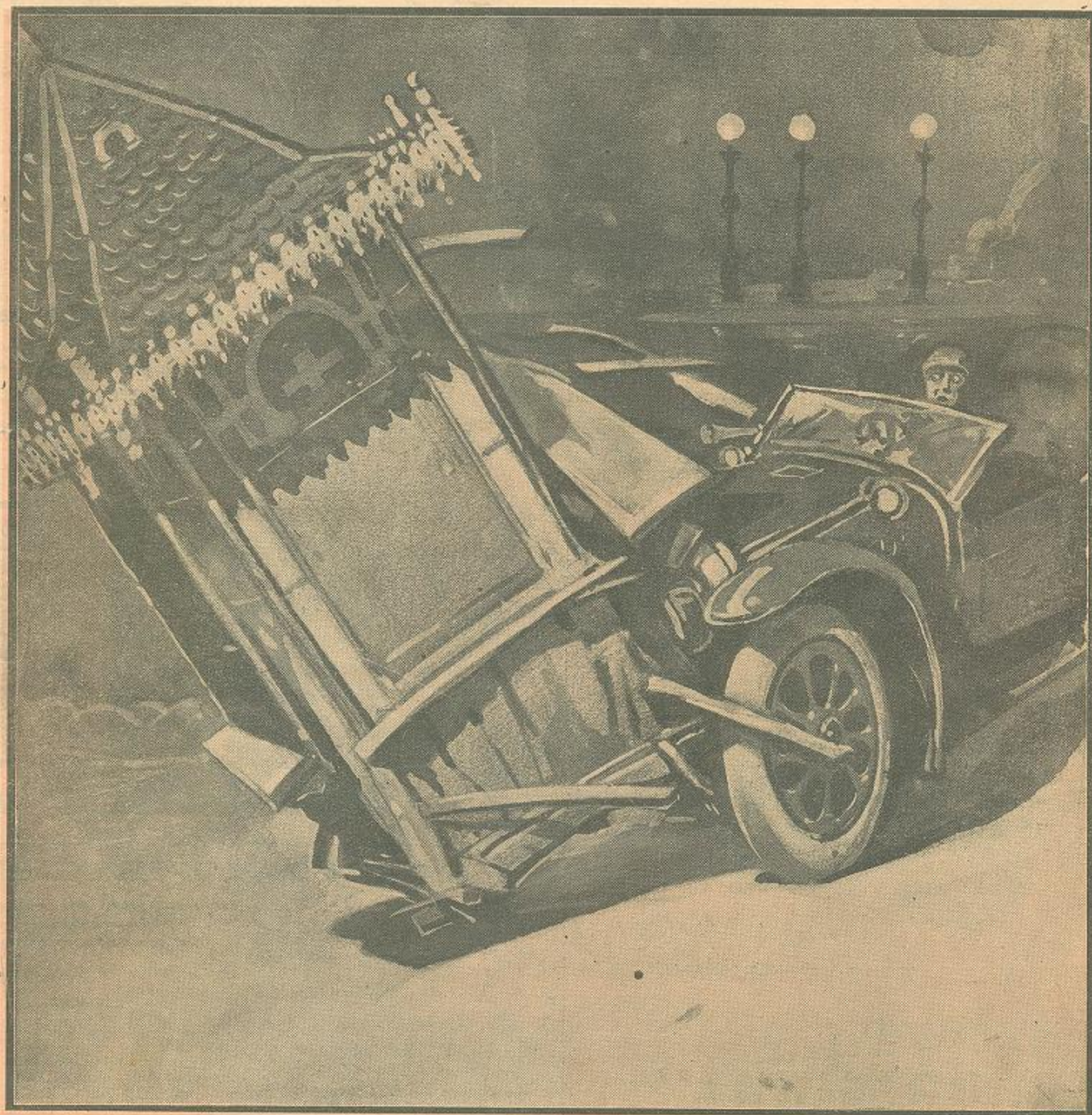
LISBOA

TELEFONE 142 N.

Por 7$500
Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos
O CEGO DA BOA-VISTA de

O melhor vinho de meza é o
COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

Cuidado com o Kiosque!

Um automovel misterioso fez voar, de madrugada, em estilhaços, um simpatico kiosque da Praça dos Restauradores, que estava áquela hora o mais tranquilo possivel...